

SER UM HOMEM SEGUNDO A TRADIÇÃO?

Márcia Rosa*

RESUMO

Este estudo teórico analisa o mal-estar masculino no mundo contemporâneo a partir de Freud e Lacan. Esse mal-estar é associado a uma crise de identidade devida ao vacilo das representações, fundadas no contexto edípico e em uma idealização da função paterna, com as quais o imaginário social define a virilidade. Discute as implicações do declínio do pai na constituição da masculinidade e mostra como as mudanças de concepção sobre o pai, pensado não mais em função de uma tradição mas da sua capacidade de arcar com o desejo por uma mulher, têm consequências sobre a construção da posição masculina do filho.

Palavras-chave: masculino; pai; crise de identidade.

BEING A MAN ACCORDING TO TRADITION?

ABSTRACT

This theoretical study examines the male's uncomfortable position in the contemporary world since Freud and Lacan's theory. It is associated with an identity crisis due to the representations, based on the Oedipus context and on an idealization of paternal function, with which the social imaginary defines virility. Discussing the implications of the decline of the father in the formation of masculinity, it shows how changes in the conceptions on the father, thought no more according to a tradition but on his ability to cope with the desire for a woman, have consequences on the construction of a male son position.

Keywords: male; father; identity crisis.

* Psicóloga. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise. Doutora em Literatura Comparada (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais). Pós-Doutorado em Teoria Psicanalítica (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro). Profª. Recém-Doutora do Depto. de Psicologia da UFMG (FAPEMIG). Endereço: Rua Levindo Lopes, 333 / sala 305 – Savassi - CEP. 30.140 - 170. Belo Horizonte - MG.
E-mail: marcia.rosa@globocom

Neste artigo, interessa-nos o que tem sido denominado como um mal-estar masculino no mundo contemporâneo. Apresentado sob termos tais como “a angústia do macho”, “o homem encara a crise”, “o macho perdido”, “a crise vista por dentro”, esse tema nutre-se de trabalhos vindos de campos interdisciplinares diversos que discutem basicamente a questão da identidade masculina. Nolasco (1995), por exemplo, afirma que homem, mulher, masculino, feminino são construções, noções que nos ajudam quanto à orientação, mas que frequentemente nos induzem ao erro, uma vez que o sujeito revela-se perpetuamente deslocado em relação ao seu corpo sexuado.

1 - O MAL-ESTAR DE UMA IDENTIDADE EM CRISE

Os deslocamentos aos quais a identidade masculina se vê confrontada no mundo contemporâneo constituem o que tem sido chamado de crise de identidade masculina. Em vista disso, se considerarmos, inicialmente, o termo identidade, fica pressuposto que, não havendo crise, haveria uma coincidência do sujeito consigo mesmo, que A seria igual a A. Essa identidade masculina surgiria em afirmações do discurso cotidiano tais como “homem é homem” ou “homem que é homem...”; ao recaírem sobre o ser, permitiriam ao sujeito afirmar: “eu sou homem”. O que a crise faz surgir é uma não-coincidência do sujeito consigo mesmo e com as representações com as quais a sua identidade masculina foi construída.

Nesse sentido, podemos dizer que a crise da identidade masculina é, ao mesmo tempo, uma crise das representações através das quais o imaginário social define o que é ser homem, podemos dizer que é uma crise das identificações. Em vista disso, se sexualidade, paternidade, vida conjugal, iniciativa etc. funcionam como significantes cruciais, como significantes mestres na construção dessa identidade, quando surge um sintoma que afeta a sexualidade, uma situação de dificuldades com a paternidade ou mesmo com as iniciativas em direção ao outro sexo, esses acontecimentos fazem vacilar a identificação com esses significantes e introduzem o que é tido como “crise”. Tal crise, diga-se de passagem, não deixa de ser interessante, na medida em que abre para o sujeito a possibilidade de interrogar as suas relações com o Outro do amor, do desejo e do gozo. Todavia, apesar de interessante, isso nem sempre é simples e também nem sempre ocorre sem angústia. Daí o mal-estar masculino no mundo contemporâneo.

Há mal-estar não apenas porque algumas representações que o imaginário social definia como sendo masculinas tornaram-se anacrônicas, mas também na medida em que faltam novas representações. Quanto a isso, Nolasco (1995) propõe que, ao invés de nos apressarmos em estabelecer outras representações, trate-se de sustentarmos um tempo de transição entre uma representação do masculino construída pelo modelo patriarcal e a possibilidade de mantermos temporariamente uma indeterminação dessas representações, de modo a que novas combinações sejam criadas. Esse tempo é oportuno porque possibilita associarmos o termo “enigma” também ao masculino, tornando possível que uma série de ques-

tões possa surgir concernentemente à identidade, ao desejo e ao gozo masculinos no mundo contemporâneo. A partir dessas questões, podemos nos perguntar o que a psicanálise tem a dizer sobre isso e que saídas ela nos permite vislumbrar.

2 - O DECLÍNIO DO PAI E O CONSEQÜENTE DECLÍNIO DO MASCULINO

Interessa-nos considerar a representação do masculino construída pelo modelo patriarcal porque é nesse contexto que a idéia de um declínio do masculino encontrará a sua razão de ser. “A idéia do declínio do viril, e mesmo de sua desaparecimento no mundo contemporâneo, tem todo o seu interesse. Sem dúvida, ela não é pensável sem o declínio do pai” (MILLER, 1995, p. 179). No seu texto “Bonjour sagesse”, Jacques-Alain Miller (1995) observa que Lacan assinala o declínio da imago paterna já em 1938, no seu texto sobre “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, mas que é a partir da releitura do caso clínico do Pequeno Hans, em 1957, que podemos formular a tese de que o homem, “o viril não existe” (MILLER, 1995, p.181). Na medida em que Hans não completa o percurso significante da castração, devido a uma inoperância paterna, ele não chega a integrar a sua masculinidade. Por essa razão, a sua vida amorosa fica marcada pela identificação feminina; isso se manifesta em uma posição passiva, em certo estilo masculino que é o da geração de 1945, ou seja, o daqueles encantadores rapazes que esperam que as iniciativas venham das damas (LACAN, 1995[1956-1957], p. 429).

Assim, a pergunta “o que é ser homem?” não vai sem outra: “o que é um pai?” É no recurso a uma figura de linguagem que encontramos, no primeiro momento do ensino de Lacan, uma resposta para essas questões: o pai é uma metáfora, é um significante que substitui outro significante. Nesse momento, a posição masculina é também definida enquanto metafórica: “enquanto ele é viril um homem é sempre mais ou menos a sua própria metáfora” (LACAN, 1999, p. 201).

A identidade sexual do sujeito masculino, do sujeito que “não é sem ter o falo”, se constitui, segundo Freud, na saída do Édipo por uma identificação ao pai que, por ter dado provas de sua potência em relação à mãe, é interiorizado como Ideal do Eu. No declínio do Édipo, o menino encontraria uma solução no recalque do desejo incestuoso e na aquisição desse termo ideal graças ao qual ele pode tornar-se um pequeno homem, alguém que já tem a sua credencial no bolso, uma promissória para o futuro (LACAN, 1999[1957-1958], p. 176). Quando chegar a hora...

No entanto, é interessante observar que Lacan comenta também que o que se passa no nível dessa identificação ideal não é jamais realizado completamente, fica sempre um resto que assinala a impossibilidade de metaforizar tudo. O que ocorre então é que os fragmentos mais ou menos recalcados do Édipo reaparecem na puberdade sob a forma de sintomas neuróticos, atestando que resta sempre algo de não regular sobre a credencial em questão.

Percebe-se que, em certo sentido, a concepção de virilidade em jogo até agora se sustenta não apenas na identificação ao pai tomado enquanto ideal, I(A), mas também em um ideal de harmonia segundo o qual doador e receptor se completam como desejam. “Aqui se afirma um ideal em relação ao qual a realidade está sempre em falta” (MILLOT, 1989, p. 50-51). Se é a intervenção do pai que condiciona a resolução do Édipo e o seu declínio, e se o fracasso ou a inoperância dessa função tem conseqüências sobre a integração da posição sexual masculina, temos aí um dos modos através dos quais podemos ler o declínio do masculino. Entretanto, na medida em que esse declínio não é pensável senão a partir do declínio do pai, podemos supor que as diversas reformulações pelas quais a instância paterna passa ao longo do ensino de Lacan não são sem conseqüências sobre o tema em questão.

No que toca às reformulações da instância paterna, mencionamos três momentos no ensino de Lacan (cujo exame detalhado ultrapassa as pretensões deste estudo teórico): um primeiro, localizado em 1938, um segundo, em meados dos anos 50 (1956 a 1959), e, finalmente, um terceiro, nos anos 70 (1969 a 1975). Partimos do texto de 1938, “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, no qual, embora comente “o declínio da imago paterna”, Lacan não deixa de dar ao pai a função de encarnação da Lei, função contrária à utopia (LAURENT, 1995, p. 110). O pai está aí para zelar de modo a que não ocorra “uma virada utópica dos ideais de uma cultura” (LAURENT, 1995, p. 110).

Nos anos 50, com a releitura de Hans, temos uma verificação clínica da eficácia da função paterna a partir da qual é possível afirmar que, ali onde a instância paterna é inoperante, há uma não-integração da posição masculina. Logo após, Lacan formaliza a Metáfora Paterna e faz um emparelhamento do pai e do grande Outro. Em “O desejo e sua interpretação”, *O seminário*, livro 6, Lacan (2002[1958-1959]) retifica a Metáfora Paterna ao afirmar que “o pai tem que ser o autor da Lei, e, todavia, não mais que qualquer outro, ele não pode garanti-la, pois ele também deve sofrer a barra, que faz dele, na medida em que é o pai real, um pai castrado” (LACAN, 1986, p. 80). Esse desemparelhamento entre o pai e o grande Outro ele o escreve com o S (de A barrado), isto é, com o significante da falta no Outro. Abre-se aí outra possibilidade de leitura do declínio do Édipo, ele é esclarecido não mais apenas como identificação ao Ideal, ao pai tomado enquanto ideal, mas como um “luto do falo” (LACAN, 1986, p. 82). Isso tem conseqüências sobre a sexuação masculina na medida em que a saída do Édipo pela identificação ao pai tomado enquanto Ideal do Eu, I(A), em que pese a sua importância na constituição da posição masculina, deixa o sujeito às voltas com uma concepção idealizada da virilidade, concepção nunca realizada completamente e sempre aberta às crises de identidade. Nessa medida é que falamos em travessia das identificações, em “prescindir [do pai] com a condição de nos servirmos dele” (LACAN, 2007[1975-1976], p. 132), o que implica ler o declínio do Édipo como um luto dos ideais e nos conduz ao terceiro dos momentos mencionados anteriormente.

Lido como uma crise nas identificações, o declínio do masculino nos leva a uma retomada não apenas do tema das identificações, mas também do conceito de Outro. Para tal nos reportamos ao curso apresentado por Éric Laurent e Jacques-Alain Miller, O Outro que não existe e seus comitês de ética, no qual destacamos o questionamento do estatuto contemporâneo das identificações e, mais especificamente, da identificação ao Ideal do Eu, escrita por Lacan com o matema I grande de A, I(A). Para os autores mencionados, essa referência do I(A), do significante que é tomado sobre o Outro como tal, “tende a desaparecer no ensino de Lacan, surgindo numa nova versão que é o S1, o significante mestre” (MILLER; LAURENT, 2006, p. 36). A consequência é que:

[...] falando de significante mestre mais do que de Ideal do Eu, mais do que de significante da identificação ao Outro, a primeira coisa que se desvanece é a referência ao Outro. Ela não se mantém senão como referência ao Outro significante, S1, S2 (MILLER; LAURENT, 2006, p. 37).

A questão que surge é a de se saber “como se sustenta, ou não se sustenta, como vacila, como se apresenta, sob quais ângulos, etc. o significante mestre quando ele não é apoiado sobre o Outro consistente” (MILLER; LAURENT, 2006, p. 39). Se a incidência do estatuto do Outro é maior sobre a identificação, “que é da identificação se o Outro não existe?” (MILLER; LAURENT, 2006, p.34).

Ao discutir a questão proposta, Miller comenta que, se o S1 é um significante mestre nos tempos em que o Outro não existe, a passagem do matema de grande I de A a S1 traduz uma pluralização do significante identificatório. O Nome-do-Pai tinha o ar de ser o significante mestre por excelência; o que se esboça com a substituição por S1 é que o Nome-do-Pai não é senão um significante mestre entre outros, é por isso que Lacan acabará por pluralizar o Nome-do-Pai. Assim,

[...] este S1 de Lacan é, sobretudo, equivalente a um grande I de A barrado, ao que resta do ideal quando tudo desapareceu, o ideal sem o resto, sem o sistema, desemparelhado. Enquanto que, como recorda Lacan, o Nome do Pai é o significante mestre segundo a tradição — embora não forçosamente segundo todas as tradições —, o S1 sempre tem um caráter arbitrário ou, em todo caso, de semblante. [...] Logo, o S1 é o grande I em épocas de desamparo [...] (MILLER; LAURENT, 2006, 2006, p. 38).

Possamos dizer, portanto, que ser um homem segundo a tradição, segundo a tradição do Outro paterno tomado enquanto Ideal, é o que fica em questão no mundo contemporâneo. É nesse sentido mesmo que entendemos a formulação de Lacan segundo a qual o declínio do Édipo implica um luto dos ideais, implica que o sujeito masculino “renuncia a estar à altura” (LACAN, 1986[1959], p. 82). Digamos que, na travessia dessas identificações, masculino e feminino surgem como construções que implicam sempre a falta simbolizada pelo falo e que comportam “a intervenção de um parecer” (LACAN, 1998a[1958], p. 701), parecer

ser do lado homem e parecer ser do lado mulher. Assim como há uma mascarada feminina, haverá também uma mascarada viril que faz surgir o feminino e o masculino como semblantes.

Se a concepção de virilidade se constituía e se sustentava, inicialmente, nos ideais, não apenas no ideal paterno, mas também em um ideal de harmonia parental em que doador e receptor completavam-se, as formulações lacanianas dos anos 70 nos possibilitam ir além. A formulação dos quatro discursos em “O Averso da Psicanálise”, *O seminário*, livro 17 (LACAN, 1992[1969-1970]), da noção de semblante e do aforismo “não há relação sexual” em “De um discurso que não seria do semblante”, *O seminário*, livro 18 (LACAN, 1971), surgem como novos operadores de leitura e nos permitem levar o exame do mal-estar masculino mais além dos ideais.

3 - DECLÍNIO DO MASCULINO OU MUDANÇA DE DISCURSO?

Se “o que vem no lugar do Outro que não existe é o laço social, é o discurso como princípio do laço social” (MILLER, LAURENT, 2006, p. 80), interessamos os giros dos discursos que fazem com que os significantes mestres (S1) que dão sustentação à identidade masculina localizem-se a cada vez em um lugar diferente.

Ao nos valermos do referencial laciano, pensamos poder ler a crise da identidade masculina como uma passagem do Discurso do Mestre para o Discurso da Histérica. Na base da constituição do Discurso do Mestre, temos a noção de representação posta nos termos: um significante (S1) é o que representa o sujeito (\$) para outro significante (S2); temos um sujeito identificado a um significante que o representa, deixando encoberta a sua divisão subjetiva (\$). No momento em que a identificação vacila, surge a não-identidade do sujeito consigo mesmo, que é escrita pelo \$. É quando o surgimento de uma manifestação do inconsciente, de um sintoma, por exemplo, atesta uma passagem do Discurso do Mestre para o Discurso da Histérica, para um discurso no qual o sintoma faz enigma. É no campo mesmo da histeria que localizamos o questionamento que o sujeito, homem ou mulher, faz incidir sobre a sexualidade.

Discurso do Mestre			Discurso da Histérica		
S1	→	S2	\$	→	S1
—		—	—		—
\$	//	a	a	//	S2

Diríamos, a partir de Lacan, que o mal-estar masculino no mundo contemporâneo não é nada mais que uma histericização do discurso? Em um certo sentido, a resposta seria “sim”, inclusive na medida em que fica implícito aí que homem, mulher, masculino, feminino são “fatos de discurso”; mas, em um outro sentido, a resposta seria “não”, ou seja, não é interessante concluir tão depressa e fechar a questão.

Se o declínio dos ideais, produzido pela crise contemporânea das identificações, leva à promoção do mais-gozar (escrito por Lacan com a letra “a” em uma referência ao objeto), a questão do mal-estar masculino se desloca e passa a incidir sobre as formas da satisfação pulsional, sobre os modos de gozo masculino no mundo contemporâneo.

O deslocamento das questões do masculino para o campo do gozo é interessante na medida em que ele nos remete ao além do Édipo e em que retira do pai o peso de sustentar o ideal de ser “um homem da verdade”. No seu texto “A ciência e a verdade”, Lacan exalta os “homens da verdade” em relação aos “homens da ciência”: “... os únicos homens da verdade que nos restam, o agitador revolucionário, o escritor que com seu estilo marca a língua”, e diz “eu sei em quem estou pensando, este pensamento que renova o ser e cujo precursor temos” (LACAN, 1998b[1966], p. 872). O revolucionário e o escritor são claramente postos como “homens da verdade”, quanto àquele cujo “pensamento renova o ser”, trata-se, segundo Miller, de uma referência a Heidegger (MILLER, 1993, p. 2). Podemos também evocar Freud e os seus amores à verdade.

É importante lembrar que há em Lacan um questionamento do amor à verdade, questionamento que o levará a afirmar que a verdade é irmã do gozo. Não há, segundo o psicanalista, como amar a verdade sem cair em um sistema “evidentemente sintomático” (LACAN, 1992[1969-1970], p. 63). Talvez possamos acrescentar que, do mesmo modo, não há como amar o pai sem cair em um sistema sintomático. Trata-se, pois, de ir além do amor ao pai, de ir além da referência paterna tal como ela surge no contexto do Édipo. Em que pese o fato de que o fundamental no drama edípiano seja a simbolização da castração materna, podemos pensar que, no além do Édipo, a versão inconsciente do pai se transmuta e que isso implica ir além do pai freudiano tal como formalizado por Lacan na Metáfora Paterna, pai cuja posição é a de transmitir a significação fálica. Na medida em que “tentamos levar tão longe quanto possível o tratamento do gozo pelo falo, pela universalização” (BRUNO, 1995, p. 14), deparamos, necessariamente, com o que resta dela, resto que Lacan nomeia “objeto pequeno a”. A hipótese de Lacan é a de que o desejo e o gozo têm nesse objeto um elemento em comum. O modo como ele conseguiu articular esse elemento em comum o conduziu a dizer que “o mais-gozar é causa de desejo” (SOLER, 1988, p. 56). Parece-nos que a transmutação da versão inconsciente do pai implica exatamente a articulação desse “elemento em comum” entre o desejo e o gozo que é o objeto a; implica, portanto, que o objeto seja posto enquanto causa de desejo.

É nesse ponto em que deparamos com a noção de *père-version* formulada por Lacan em 1975 nos termos: “um pai só tem direito ao respeito e ao amor se o dito respeito é [...] père-versamente [...] orientado, quer dizer que faz de uma mulher objeto a que causa seu desejo” (LACAN, 1974-1975, s.p.). Digamos que, à diferença do pai do Édipo, que é ainda bastante ideal, e também do pai do Totem, que garante que se pode gozar de todas, nessa versão, o pai, ao fazer de uma mulher o objeto que causa seu desejo, surge não somente como aquele que transmite a significação fálica, que transmite a castração, mas como aquele que apresenta

um semblante, que dá uma versão disso que é o objeto que causa o desejo. Ao fundar o respeito e o amor pelo pai na causa do desejo, Lacan leva a psicanálise mais além dos ideais, mais além do Édipo.

PARA CONCLUIR

Assim, é ao ser um homem mais além da tradição que um pai transmite a um filho algo sobre os enigmas do feminino. Podemos concluir a propósito do pai não que ele sabe como assegurar plenamente a sua função, mas que ele deseja; que ele faz de uma mulher a causa de seu desejo. No termos do poeta: “Ruth, uma moabita, deitara-se aos pés de Booz, o seio nu” (Hugo, 1964, s.p.).

REFERÊNCIAS

BRUNO, P. Le prologue. *Barca*, Paris, n. 4, 1995. p. 7-17.

HUGO. V. *Booz endormi*. Paris: GLM, 1964.

LACAN, J. De um discurso que não seria do semblante. *Seminário inédito*, 1971.

_____. *O seminário*: R.S.I. Inédito. 1974-1975.

_____. *Hamlet por Lacan* (1959). Campinas: Escuta/Liubliú, 1986.

_____. *O seminário*: o avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992. livro 17.

_____. *O seminário*: a relação de objeto (1956-1957). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995. Livro 4.

_____. A significação do falo (1958). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998a. p. 692-703.

_____. A ciência e a verdade (1966). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998b. p. 869-892.

_____. *O seminário*: as formações do inconsciente (1957-1958). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999. Livro 5.

_____. *O Seminário*: o desejo e sua interpretação (1958-1959). Porto Alegre: APPOA, 2002. Livro 6. Publicação interna.

_____. Os complexos familiares na formação do indivíduo (1938). In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. p. 29-90.

LACAN, J. *O seminário: o Sinthoma (1975-1976)*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007. Livro 23.

LAURENT, E. Institución del fantasma, fantasma de la institución. In: _____. *Lazos*. Buenos Aires: Fundação Ross, 1995. p.110-113.

MILLER, J. A. Sobre o transfinito. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 1-5, outono 1993. Publicada pela Iniciativa Escola.

_____. Bonjour Sagesse. In: *Barca! Poésie, politique, psychanalyse*, Paris, n. 4, 1995. p. 173-196.

MILLER, J. A.; LAURENT, E. *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MILLOT, C. *Nobodaddy*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1989.

NOLASCO, S. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

SOLER, C., *Finales del analisis*. Buenos Aires: Manantial, 1988.

Recebido em: julho de 2008

Aceito em: outubro de 2008

